



UNIVERSIDADE E MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA: UMA RELAÇÃO FUNDAMENTAL

Vitória Eugênia Oliveira Pereira¹

Dizer brutalmente as coisas

No texto **Posição Sindical e Tomada de Partido nas Ciências Humanas e Sociais** (2012), Pêcheux se pergunta o que significa lutar contra a ideologia reformista nas Ciências Humanas e Sociais, e responde afirmando, que, para isso, é preciso dizer brutalmente as coisas. É com essas palavras que me lanço na articulação das duas provocações que organizam este meu texto: dizer brutalmente as coisas é o que caminho que escolho para enfrentar as escutas do (in)dizível, mote do SEAD 2023, e enfrentar, ao mesmo tempo, a reflexão sobre o irreformável “estado de barbárie” que nos impõe o modo de produção capitalista, questão proposta pelo Simpósio Formação Social, Discurso, Relações de Poder.

Escolho dizer brutalmente as coisas porque são brutais os efeitos do capital sobre as nossas existências; e porque reconheço que, ainda que não deseje, pode ser brutal para estes nossos corpos exaustos em boa intenção reconhecer as contradições de nossas próprias práticas. Bruto deve também ser lido, aqui, como direto, cru, duro, denso.

Pretendo, assim, discutir o que tenho chamado de relação fundamental entre a universidade e o modo de produção capitalista. Essa discussão é uma síntese das explorações teóricas que constituem meu processo de pesquisa/escrita de tese de doutorado, orientado pelas professoras Claudia Pfeifer e Mariza Silva, e realizado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp, na área de História das Ideias Linguísticas (Orlandi, 2001) em sua relação específica com a Análise materialista de Discurso (Pêcheux, 2009). Defino como objetivo geral de tese compreender as relações entre a história da universidade brasileira e a história de constituição do português como língua nacional do Brasil.

A radicalidade revolucionária da noção de discurso

A brutalidade com que talvez eu diga as coisas é uma aposta apaixonada na Análise materialista de Discurso como lugar de prática teórica e política². O que se lerá, neste texto, é uma tentativa de organização de um longo percurso de trabalho inquietado pela necessidade de compreender teórica e metodologicamente a relação entre a noção de discurso e aquilo que chamamos de uma posição materialista. Desse processo, antecipo a compreensão simples, mas complexa, de que se trata de uma relação constitutiva, isto é: não há como mobilizar a noção de discurso como proposta por Pêcheux abrindo mão de uma posição marxista-leninista. Quando Pêcheux define a questão do sentido como o ponto em que

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² Insinuo, mas me furto definir a relação entre brutalidade, teoria e paixão – brutal *mas/e/porque* apaixonada.

a Linguística tem a ver com uma ciência das formações sociais, está comprometendo epistemológica e politicamente o analista de discurso com a compreensão e a transformação da realidade.

No já citado texto, Pêcheux nos diz – ou diz a nós, analistas de discurso – diretamente, brutalmente, que a presença do “marxismo” em nossas pesquisas não garante espontaneamente uma posição materialista a esse fazer científico. Isso significa que a Análise de Discurso não pode abrir mão do que seja fundamental a essa posição: a crítica à economia política e a radicalidade revolucionária, sob os riscos de reproduzir, sem reservas, uma posição teórica idealista e um reformismo político que sustenta a manutenção do modo de produção capitalista. Isso nos impõe duros, brutos, compromissos teóricos, metodológicos, políticos. Nos impõe o enfrentamento de uma dura bibliografia e de um duro fazer científico, que, apesar da cada vez maior fragmentação disciplinar do conhecimento, reconhece o real como síntese de múltiplas determinações.

Este texto é escrito num momento em que vemos e sentimos o aumento da miséria, o aumento da fome, o aumento dos índices de desemprego, a precarização das relações de trabalho (agora chamado de uberizado, plataformizado, terceirizado, horista, mecanizado, mediado por tecnologias). É escrito depois de 700 mil mortes na pandemia. É escrito enquanto Manaus hoje desaparece na poeira das queimadas dos agronegócios, e enquanto nossas florestas são envenenadas pelo garimpo. É escrito enquanto vemos em algumas telas o genocídio do povo palestino, que nos lembra impiedosamente de que, se genocídio é o extermínio sistemático de uma população pela ação do Estado, então a guerra também está aqui, assassinando sistematicamente a população preta e indígena e outros sujeitos que contrariam a socialização do capital, mostrando-nos que a colonização é um projeto brutal e moderno.

É a partir do compromisso de compreensão e transformação dessa realidade que se constroem as minhas perguntas de pesquisa, formuladas a partir da HIL/AD. O que se lerá aqui, é, portanto, de outra forma, a síntese de as minhas explorações teóricas no esforço de construção de uma posição marxista-leninista para o enfrentamento das minhas questões de pesquisa. Diante de meu objetivo de compreender como a fundação da universidade brasileira transformou a produção e a circulação de conhecimentos sobre a língua no Brasil, entendi que, antes e ao mesmo tempo, era preciso investir sobre a compreensão do papel da universidade na (re)produção do modo de produção capitalista.

Me preocupava o compromisso de que o meu trabalho pudesse dizer mais do que aquilo que todos já sabemos: a universidade é um espaço para pessoas brancas (sobretudo homens brancos) de classe média. Não é preciso ciência para reconhecer isso: basta um olhar aos nossos auditórios para ver que microfones vêm sendo majoritariamente empunhados por pessoas brancas, enquanto o trabalho precarizado e terceirizado de limpeza e preparação desses auditórios, realizado majoritariamente por pessoas negras. A presença de pessoas pretas, indígenas, travestis e outras subjetividades marginais em espaços de poder dizer, neste evento, na universidade, é resultado de lutas históricas e não se dá sem contradições que operam para manter excluídas essas presenças.

Assim, as explorações teóricas que aqui exponho são tentativas de compreender como a universidade se realiza como peça do Aparelho Ideológico Escolar (Althusser, 2008), operando (n)a manutenção de desigualdades fundamentais ao modo de produção capitalista. O que é particular a essa instituição na dinâmica de (re)produção das assimetrias e desigualdades típicas do capitalismo?

Para isso, investi em noções fundamentais do marxismo, como a teoria do valor, forma salário, forma trabalho, divisão social do trabalho – ancorando-me na obra madura de Marx, **O Capital**, sobretudo no Tomo 1 (Marx, 2013). O que exponho aqui é uma tentativa sempre incompleta de articulação desses conceitos, na busca de compreender a contradição principal que determina a universidade como aparelho burguês de hegemonia.

A seguir, resumo, simplifico levianamente, a correspondência que Marx estabelece entre diferentes formas de propriedade e diferentes fases da divisão social do trabalho. Pretendo, dessa forma, esclarecer, vacilantemente, a correspondência entre a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual e a forma propriedade privada. Faço isso num certo formato pedagógico que usei e uso para compreender processos complexos que de nenhuma maneira são tão simples quanto as relações de causa e consequência exploradas a seguir.

Correspondência entre as formas de propriedade e a divisão social do trabalho

No curso da história, o desenvolvimento de técnicas de trabalho – entendido como mediação entre o homem a natureza – permitiu o desenvolvimento das relações de troca e, nessas relações, o desenvolvimento de um equivalente geral de troca (ouro, algodão, lã etc.). Quando essa forma equivalente toma a forma dinheiro, a troca se separa em duas ações independentes – compra e venda. Com isso, a produção desgarrar-se da necessidade de atender às demandas de subsistência direta do produtor (valores de uso) e passa a servir como produção de valor de troca, através da forma dinheiro. Assim, da troca direta de mercadorias (M - M), passa-se à troca mediada por dinheiro (M - D - M). Esse processo é sobredeterminado por uma divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, cuja complexificação retorna sobre as relações de troca.

A forma dinheiro leva, portanto, a uma independência do trabalho em relação a seu produto, configurando, no processo de produção/circulação das mercadorias, uma contradição para a forma mercadoria: a de ser, ao mesmo tempo, valor do uso (resultado do trabalho concreto) e valor (trabalho humano abstrato). Extraíndo as diferenças de qualidades entre mercadorias diferentes, o que resta de comum é que todas são resultado do dispêndio de força de trabalho humano. O próprio trabalho é, portanto, gênese e medida do valor (*quantum* de trabalho social necessário à produção de determinada mercadoria).

A forma salário mascara (no sentido de mediação, daquilo que não se expõe imediatamente visível) a gênese do valor, fazendo parecer que o trabalhador vende seu trabalho, quando, na verdade, vende sua força de trabalho, não dando a ver o processo de extorsão da mais-valia (e o processo de acumulação

capitalista). Para o capitalista, o processo M - D - M é M - D - M' porque, comprando a mercadoria-força-de-trabalho e não o trabalho em si, ele dispõe de capacidade de trabalho do trabalhador, que, depois de paga enquanto mercadoria, ao continuar a ser consumida no que resta da jornada, gera mais-valor para o capitalista. Dessa maneira é que as relações de produção capitalistas são sempre relações de exploração, porque o processo de extorsão de mais-valor só é possível no processo de produção (Althusser, 2008).

. A universidade surge no processo de transformação do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. Nasce como instituições urbanas (em uma aproximação com as corporações de ofício), ou seja, a partir das possibilidades abertas pela conjunção entre determinado estado da divisão social do trabalho e determinadas formas de propriedade. Assim é que compreendemos uma relação fundamental entre universidade e modo de produção capitalista: a universidade cristaliza a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual³, expressão da propriedade privada, condição para extorsão da mais-valia.

É uma possibilidade teórica, ainda a ser amadurecida por um trabalho de arquivo, a possibilidade de entender o nome universidade como acontecimento discursivo necessário ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, isto é, não apenas determinada por esse processo histórico, mas determinante à produção e circulação de formas típicas da socialização capitalista. Sem ainda afirmar essa hipótese nos termos de um acontecimento discurso, compreendo, em outras palavras, a universidade como um nome produzido na história e que funciona, em complexos processos de sobredeterminação, na configuração da formação social capitalista como um “espaço logicamente estável” (Pêcheux, 2008). Isto é, entendo a universidade como nome/corpo institucional que dá sentido (produz como evidência) disjunções necessárias ao capitalismo (corpo X mente, manual X intelectual, educação X trabalho etc.).

Que fazer?

Dizendo brutalmente as coisas, Pêcheux insiste em relação a uma posição marxista-leninista para as Ciências Humanas e Sociais. Insiste sobre a necessidade de uma organização da luta política a partir de uma teoria da ação política revolucionária (Lenin, 1978). Não bastam os nossos trabalhos teóricos, é preciso articular, em luta política, aquilo em que acreditamos teoricamente. Isto é: é preciso trabalhar na construção da revolução brasileira⁴.

Em nossos trabalhos, isso significa articular os nossos objetos de pesquisa às questões fundamentais da classe trabalhadora (Manoel, 2019): transformação das condições de vida da população

³ Nos termos da AD, essa divisão é compreendida como um efeito de divisão, e não uma divisão empírica, impossível à unidade concreta que é o corpo.

⁴ O horizonte concreto da revolução brasileira me foi apresentado pelo trabalho de agitação política realizado por militantes comunistas fora das universidades; cito aqui, particularmente, Jones Manoel (2019). Os limites entre a radicalidade revolucionária e a produção acadêmica serão discutidos futuramente em escrito em gestação, nomeado, por ora, *A análise materialista de Discurso e a revolução brasileira*. Nessa ocasião, o trabalho de agitação política e de produção teórica fora das universidades será mais justamente apresentado.

negra, geração de emprego, distribuição de renda, reforma agrária, combate à fome, reforma urbana, proteção à violência, desenvolvimento de políticas de ciência e tecnologia, defesa do SUS, atendimento às pessoas em situação de rua, lutas por moradia popular, por prevenção a deslizamentos, por transporte público de qualidade, por passe livre, por uma escola pública gratuita e universal. Significa, também, mobilizar teóricos da revolução brasileira (Manoel, 2022), que nos permitam, nessa articulação, compreender as particularidades da formação social brasileira: Clóvis Moura, Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Darcy Ribeiro, Brizola, Luís Carlos Prestes, Florestan Fernandes, Nelson Sodré. Significa, ainda, atuar, dentro e fora das universidades, em lutas imediatas: revoga o das contrarreformas, revoga o do Novo Ensino Médio, revoga o da proposta do Novo Arcabouço Fiscal, e diferentes formas que tomam o discurso da austeridade fiscal, que justifica projetos de privatiza o da educa o.

Ficam, assim, como provoca o ao pensar e ao agir, os desafios de constru o de uma universidade pública, gratuita, laica, socialmente referenciada, antipatriarcal, antilgbtf bica, anticapacitista, antirracista, democrática e popular (Iasi; Pinheiro, 2021), e ao mesmo tempo a luta pela supera o da universidade, entendida como supera o do capitalismo.

Sobretudo no capitalismo periférico, a extrema direita avança como forma radical de execu o da agenda neoliberal, como maneira de reverter a lei tendencial da queda das taxas de lucro. Isso nos mostra que os horrores da lógica capitalista impõem uma radicalidade, cooptada por aqueles que, em cinismo, agravam as contradi es do capital.

Termino, enfim, retornando   rela o entre brutalidade e paixão que insistem sobre minha prática na Análise de Discurso. Há 175 anos, Marx (1999) dizia que o espectro do comunismo rondava a Europa. Não foi na Europa, no entanto, que as experiências socialistas despontaram na luta pela emancipa o humana. Foram e são países periféricos que mant m o horizonte revolucionário como um real possível. Também não foi na Europa que a Análise de Discurso se sustentou como prática teórica e política. No Brasil   que uma mulher ousou falar de discurso, de filosofia, de política, do político, assim autorizando outros sujeitos a ousarem pensar e ousarem se revoltar.

A questão do sentido está – sempre e mais do que nunca – na ordem do dia. A Análise materialista de Discurso   uma arma nos violentos fronts da descoloniza o.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodu o**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ENGELS, F.; MARX, K. **O manifesto comunista**. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- IASI, M.; PINHEIRO, M. Universidade popular: uma perspectiva de luta. *In*: REBELATTO, F.; ACOSTA, L.; PINHEIRO, M. (ed.). **A universidade popular**. São Paulo: Caio Prado Jr., 2021. p.19-32.
- LENIN, V. I. **Que fazer?** São Paulo: Hucitec, 1978.



MANOEL, J. **A Revolução Brasileira como horizonte político concreto**. Dez. 2022. Disponível em : <https://blogdaboitempo.com.br/2019/12/18/estudar-a-realidade-brasileira-a-prioridade-para-os-revolucionarios/>. Acesso em : 5 fev. 2024.

MANOEL, J. **Estudar a realidade brasileira: a prioridade para os revolucionários**. Dez. 2019. Disponível em : <https://blogdaboitempo.com.br/2019/12/18/estudar-a-realidade-brasileira-a-prioridade-para-os-revolucionarios/>. Acesso em : 5 fev. 2024.

MARX, K. **O Capital - Livro I - Crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

ORLANDI, E. (org.). **História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP; Cárceres, MT: Unemat Editora, 2001.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. Posição Sindical e Tomada de Partido Nas Ciências Humanas e Sociais. *In*: ORLANDI, E. (ed.). **Análise do Discurso: Michel Pêcheux - Textos selecionados**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 231-250.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.